

Editorial

Editoria de revista é tarefa complexa que requer, além de tempo para a série de atividades que lhe é pertinente, atenção às vicissitudes do processo que envolve a comunicação entre pessoas com variados interesses. Autores, avaliadores, membros do conselho editorial, revisores, diagramadores, integrantes de agência de fomento que avalia os periódicos nacionais e lhes atribuem um conceito, responsáveis por indexadores...

A essa lista acrescenta-se, no caso deste periódico, os sócios da ABRAPSO, Associação Brasileira de Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade** é veículo de divulgação científica da ABRAPSO e tem por objetivo “publicar artigos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões na interface entre a psicologia e a sociedade, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia Social numa postura crítica, transformadora e interdisciplinar”.

Essa definição, divulgada tanto no site da ABRAPSO (www.abrapso.org.br) como na página da revista na SciELO (www.scielo.br/psoc), baliza as decisões editoriais e orienta os avaliadores em suas análises. Mas embora axiologicamente clara, essa definição, como todo enunciado, é polifônica: há variadas vozes sociais que ali se podem auscultar. Perscrutar algumas dessas vozes e suas tensões não é tarefa simples e requer o olhar atento para as condições de sua enunciação, o contexto extraverbal e seus vários presumidos. Não ousou, portanto, assumir essa tarefa neste editorial, mas alguns aspectos e algumas dessas tensões considero importante trazer à tona para que os leitores acompanhem um debate que se faz importante aprofundar.

A Revista *Psicologia & Sociedade* nasceu no início da década de 80, juntamente com a própria ABRAPSO. Inicialmente em formato de boletim, posteriormente em encadernações simples... Um longo percurso marcou sua trajetória até a consolidação que a todos os abrapsoianos é motivo de orgulho.

Assim como o formato da revista, outros aspectos foram sendo paulatinamente modificados nessas três décadas de existência da revista. Se inicialmente sua circulação era restrita aos sócios e os artigos publicados eram prioritariamente de autoria desse público, nos últimos anos, com a boa qualificação da revista e sua visibilidade nacional e internacional, o interesse de pesquisadores em divulgar sua produção acadêmica na *Psicologia & Sociedade* cresceu vertiginosamente. Há que se ressaltar também o número crescente de sócios da ABRAPSO e o expressivo público que comparece aos encontros nacionais da associação, realizados bianualmente, assim como aos eventos regionais e locais que acontecem em variadas localidades do território

nacional. Esses eventos consistem em importantes espaços para a divulgação da revista entre jovens pesquisadores que, em contato com a qualidade da publicação e dos artigos ali veiculados, passam a se somar aos seniores na condição de leitores, autores e, eventualmente, avaliadores.

Juntamente com essas transformações de forma e público, também o conteúdo dos artigos aprovados para publicação e divulgados na revista *Psicologia & Sociedade* foi sendo paulatinamente modificado. Um dos fatores que reconheço como fundamentais para essas mudanças e considero oportuno pontuar é a complexificação do debate sobre o que vem a ser uma “postura crítica, transformadora e interdisciplinar”. Debate latente, não necessariamente explicitado, mas que se objetiva na diversidade dos artigos veiculados pela revista e que expressam modos variados como os avaliadores entendem e se posicionam em relação à questão.

Na década de 80 havia relativa consonância quanto à leitura dessa definição, e entendo que as condições sociais, econômicas, culturais e fundamentalmente a polarização política que dividia os povos e pessoas em *a favor* e *contra* balizavam essa unicidade. Muros reais ou imaginários a objetivar uma lógica binária que balizava as relações entre as pessoas e o governo da população.

O muro foi derrubado – ao menos o Muro de Berlim, e outros tantos, se não foram ao chão, certamente hoje apresentam fissuras de variadas intensidades, a comprometer a estrutura que os sustenta. Ou então apresentam ao menos sutis rachaduras que, com a persistência da crítica e da luta, podem vir a se ampliar e intensificar até o comprometimento do aparentemente sólido e intransponível.

Tempos outros, pois, estamos vivendo, distantes daqueles que marcaram a emergência da ABRAPSO e da Revista *Psicologia & Sociedade*. Mas essa distância precisa ser problematizada, posto que não significa necessariamente a negação do que naquela época se fazia/dizia, já que as razões que balizavam esses fazeres ainda ecoam nestes novos tempos. Mas esses ecos se somam a múltiplas outras vozes que, considerados conjuntamente, compõem melodias híbridas, sincréticas, dissonantes. Melodias a sinalizar as transformações significativas que vimos se intensificarem nos últimos anos e que requerem outros fazeres, atentos à pluralidade e complexidade que conota o contemporâneo.

Nesse polifônico e polissêmico cenário é que se faz urgente tensionar a Psicologia Social que estamos a (re) fazer, problematizando fundamentalmente o que hoje pode ser reconhecida como uma postura crítica, transformadora e interdisciplinar. Certamente, se os

tempos são outros, a lógica binária que balizava as categorizações entre psicologia crítica e não-crítica é difícil de aplicar. Se antes tínhamos referenciais teóricos alinhados com um ou outro lado, as práticas psi vêm reinventando sistematicamente esses referenciais e a si mesmas de tal modo que esses muros imaginários seguramente estão com seus alicerces comprometidos.

No caso da revista *Psicologia & Sociedade*, o que se observa com cada vez maior frequência é que a crítica pode vir dos lugares que menos se espera, ou voltar-se para aspectos aparentemente insignificantes do vivido cuja relevância passa a ser reconhecida justamente porque alguém a eles se dedicou. A diversidade do que os avaliadores acolhem como contribuições ao desenvolvimento da psicologia social em uma postura crítica é visível e, não raro, causa certa estranheza.

Os últimos números da Revista *Psicologia & Sociedade* têm apresentado esse cenário, e este número, que ora apresento, também traz essa diversidade como característica. Além da variedade de instituições aqui representadas por intermédio de seus autores, a interdisciplinaridade das temáticas em foco convida tanto autores como leitores a ampliarem seus modos de ver e pensar questões como o consumo, o corpo, a memória, as relações interpessoais, os processos de subjetivação.

Talvez a crítica dos leitores aos temas aqui apresentados seja mais aguçada que a dos próprios autores, e a presença desses trabalhos em uma revista com o objetivo anteriormente referido possa vir a ser questionada. Mais que um problema, isso é sinal da pluralidade que conota os vários parceiros que têm contribuído com este periódico na condição de avaliadores, e aos quais agradecemos enfaticamente. As diversas leituras que balizam suas avaliações do que venha a ser um trabalho que contribua para o “desenvolvimento da Psicologia Social numa postura crítica, transformadora e interdisciplinar” se apresentam, no meu entender, não como um problema, mas como abertura a palavras outras que continuem a mover o necessário debate.

Os artigos que compõem este número da Revista *Psicologia & Sociedade* e aos quais convido os leitores a contrapalavrear abordam temáticas variadas a partir de diferentes referenciais teóricos e metodológicos. A contemporaneidade é foco de quatro trabalhos: Isleide Arruda Fontenelle, com o artigo “O fetiche do eu autônomo: consumo responsável, excesso e redenção como mercadoria”, tem como foco o discurso sobre o consumo responsável pelo meio ambiente. O mal-estar na contemporaneidade, por sua vez, é discutido por Domingos Barroso da Costa e Jacqueline de Oliveira Moreira no artigo intitulado “Angústia e declínio da representação: uma leitura psicanalítica do mal-estar

na contemporaneidade” como causa/efeito do declínio da capacidade de representação do sujeito. Em “Subjetividades cúmplices e o sofrimento psicossocial na contemporaneidade”, Angela Maria Pires Caniato, Claudia Cotrim Cesnick e Juliana da Silva Araújo problematizam a sustentação subjetiva de práticas psicossociais que consideram conformistas. O consumo volta a ser problematizado por José Antonio Román Brugnoli e María Alejandra Energici Sprovera no artigo “La solidaridad de mercado y sus sujetos en el capitalismo de consumo: un análisis del discurso neoliberal sobre piezas de publicidad en Chile”. Os autores, por meio da análise de propagandas, problematizam as relações entre a nova forma de solidariedade vigente na sociedade do consumo com as formas de subjetivação que lhes são correspondentes.

Um segundo conjunto de artigos tem como tema a produção de subjetividade em cenários e condições variadas. Odair Furtado, em “Dialética e contradições da construção da identidade social”, discute os desafios da atuação dos psicólogos latino-americanos considerando as condições adversas do contexto em que atuam. Em “Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva”, Jáder Ferreira Leite e Magda Dimenstein analisam os processos de subjetivação engendrados em movimentos sociais, destacando que o MST se configura como importante ator social no cenário das lutas políticas empreendidas pelos movimentos sociais na atualidade. Renata Valentim, Zeidi Araújo Trindade e Maria Cristina Smith Menandro, em “Memórias sociais de juventude entre quilombolas do norte do Espírito Santo”, analisam as memórias sociais de jovens que integram populações remanescentes de quilombos do norte do estado em relação às mudanças ambientais e sociais que vêm sendo constatadas na região em que esses jovens habitam. A memória também é foco do artigo de Denise Sampaio Gusmão e Solange Jobim e Souza, intitulado “História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários”. Nesse caso, as práticas discursivas entre a pesquisadora e os habitantes de um pequeno povoado são analisadas juntamente com os conceitos de história, memória e narrativa, tendo como cenário as histórias de vida desses habitantes.

Processos de subjetivação produzem corpos, e o corpo é o foco dos próximos artigos que compõem este número da Revista *Psicologia & Sociedade*. Em “Casa: uma poética da terceira pele”, Máira Longhinotti Felipe aproxima a arquitetura da psicologia para discutir a qualidade das relações que as pessoas estabelecem com o lugar que habitam. Para essa discussão, a autora considera o objeto arquitetônico

como espaço do habitar e a casa como referência existencial e extensão do corpo. Cláudia Sirangelo Eccel, Carmem Lígia Iochins Grisci e Leonardo Tonon, no artigo intitulado “Representações do corpo em uma revista de negócios”, de certo modo dialogam com os artigos iniciais deste número, na medida em que, ao analisarem o modo como uma revista de negócios representa o corpo, problematizam o tema considerando as exigências da atual sociedade de consumo.

Da casa à mídia, da mídia ao sujeito, a comunicação como foco: no artigo “El enfermo de cáncer: una aproximación a su representación social”, Lucía Llinares Insa, Maria Amparo Benedito Monleón e Ángela Piqueras Espallargas analisam as representações sociais do câncer e de pacientes de câncer na população espanhola. Os resultados contribuem com as práticas no campo da saúde na medida em que se constituem como referenciais para a análise, por parte dos profissionais, da qualidade da comunicação que estabelecem com as pessoas que convivem com a doença. Samara Silva dos Santos e Débora Dalbosco Dell’Aglío, por sua vez, em “Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil”, analisam publicações relacionadas à temática para discutir o processo de revelação e notificação de situações de abuso sexual envolvendo crianças e adolescentes.

Os dois artigos seguintes problematizam contextos familiares a partir do diálogo com questões do atendimento à infância, no primeiro deles, e de gênero, no segundo. Em “O acolhimento familiar em Portugal: conceitos, práticas e desafios”, Paulo Delgado, embora sinalize a predominância da institucionalização como política de proteção a crianças naquele país, apresenta as condições do acolhimento familiar de crianças em Portugal, as modificações que vêm ocorrendo e os desafios a serem enfrentados. Grazielle Tagliamento e Maria Juracy Filgueiras Toneli, por sua vez, analisam, no artigo “(Não)Trabalho e masculinidades produzidas em contextos familiares de camadas médias”, as subjetividades e masculinidades que emergem nas práticas cotidianas de duas famílias de camadas médias em que o homem se encontra sem trabalho remunerado e as mulheres realizam tal atividade.

Do contexto familiar à escola: em “As relações na escola e a construção da autonomia: um estudo da perspectiva da psicologia”, Ana Paula Petroni e Vera Lúcia Trevisan de Souza analisam o modo como educadores de uma escola pública compreendem a questão da autonomia, problematizando se o fato de se ver ou não como autônomo influencia a atuação docente.

Em “Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS”, Jana Gonçalves Zappe e Nara Vieira Ramos utilizam o programa SPSS para

analisar os resultados de pesquisa que evidenciam as características etárias, étnicas, escolares e outras de adolescentes autores de atos infracionais, e cotejam os resultados com outras pesquisas sobre o tema. A apresentação de uma forma de análise de representações sociais baseada em elementos gramaticais é o foco do artigo intitulado “Analisando representações sociais através de elementos gramaticais: compondo representações sobre música”, de autoria de Anderson Scardua e Edson Alves de Souza Filho.

Os últimos artigos que compõem este número da revista *Psicologia & Sociedade* têm a questão do poder como foco. Em “A caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos”, Jardel Sander discute as influências das ideias de Michel Foucault na reforma psiquiátrica brasileira. Juntamente com as ferramentas teórico-conceituais, o autor destaca a importância das artes em sua potência de criação e invenção para esse processo. Ronie Alexsandro Teles da Silveira e Simone Maria Hüning, em “A tutela moral dos comitês de ética”, também utilizam o referencial foucaultiano para discutir algumas implicações da institucionalização da ética e o significado que essa adquire ao ser incorporada a um comitê que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Laura López Gallego, por fim, analisa o modo como o dispositivo psi pericial é incorporado no campo penal. Em seu artigo, intitulado “Una apuesta analítica del funcionamiento del dispositivo psi pericial en el campo penal”, a autora analisa documentos produzidos por peritos psi junto ao poder judiciário do Uruguai e constata a incorporação da lógica de individualização como eixo do dispositivo psi pericial.

Duas resenhas completam este número da revista *Psicologia & Sociedade*: na primeira, a temática do poder continua em foco, via análise que Thaís Augusta Máximo, Anísio José da Silva Araújo e Ana Cristina Serafim da Silva fazem da obra *As Figuras do Poder*, de Eugène Enriquez. Na segunda resenha, intitulada “Por uma psicologia social antirracista: contribuições de Frantz Fanon”, Edelu Kawahala e Rodrigo Diaz de Vivar y Soler apresentam e tecem comentários sobre o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* e suas contribuições à luta contemporânea contra o racismo.

Os artigos e resenhas aqui publicados, apresentam um leque variado e plural de temas, enfoques e referenciais teórico-metodológicos. Diversidade que é expressão das transformações anteriormente referidas, e tantas outras que neste momento não pude ouvir. O convite que faço, pois, é que os leitores se motivem a participar e contribuir com o debate sobre essas mudanças e seus possíveis efeitos. Penso, no entanto, que importante se faz sustentar o debate não orientado

pela busca de definições precisas que se fechem para a emergência de novos possíveis. O novo pode vir de onde menos se espera, assim como o supostamente “crítico, transformador e interdisciplinar” pode se caracterizar pela reedição de antigas fórmulas não atentas à complexidade que caracteriza estes tempos em que vivemos. Há muitos “es” nesse entre, a serem

visibilizados, tensionados, problematizados, a requerer muitas mais palavras e contrapalavras para fomentar a dialogia que se apresenta como condição de reinvenção da própria Psicologia Social.

Andréa Vieira Zanella
Co-editora